

Este artigo foi recebido em março de 2023 e submetido a uma avaliação cega por pares, conforme política editorial, sendo aprovado para publicação em dezembro de 2023.

MITO DAS AMAZONAS, ESPAÇO DAS MULHERES E OS ESTADOS UNIDOS: UM OLHAR SOBRE A ANTIGUIDADE CLÁSSICA E A CONSTRUÇÃO DA MULHER-MARAVILHA POR WILLIAM MOULTON MARSTON

¹THE AMAZON'S MYTH, WOMEN'S PLACES AND THE UNITED STATES: A GLYPHSE OF THE CLASSIC ANTIQUITY AND THE CONSTRUCTION OF WONDER WOMAN BY WILLIAM MOULTON MARSTON

Luca Lima Iacomini

Doutorando em História pela Universidade Federal do Paraná, em Curitiba, Paraná, Brasil.

Bolsista CAPES. Possui graduação e mestrado pela mesma instituição.

E-MAIL: iacomini.luca@gmail.com

Resumo

¹ Trabalho apresentado para a disciplina de História, Modernidade e Pós-Modernidade do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná, ministrada pelas professoras doutoras Priscila Piazzentini Vieira e Renata Senna Garrafoli. A disciplina foi cursada durante o período de mestrado do autor, que foi bolsista da CAPES.

Em 1941, a personagem Mulher-Maravilha foi criada pelo psicólogo estadunidense William Moulton Marston, que utilizou elementos da cultura grega antiga para elaborar suas histórias. A heroína é uma amazona da Ilha Paraíso que vai aos Estados Unidos para trazer paz ao mundo e emancipar as mulheres do país. A análise proposta por este artigo consistirá na compreensão das recepções dos clássicos na contemporaneidade, dos elementos de linguagem das histórias em quadrinhos e da participação das mulheres na sociedade, cultura e na mitologia da Grécia Antiga, fazendo contrapontos entre os estudos clássicos e a representação dos quadrinhos de Marston em seu contexto. Para tal, serão utilizados os autores Michel Foucault, Mary Beard, Lorna Hardwick, Donna Haraway, Alberto Mario Banti, Victoria Sebben Rodrigues e Cristina Maria de Oliveira.

Palavras-chaves: Mulher-Maravilha; recepção dos clássicos; William Moulton Marston

Abstract

In 1941, the character Wonder Woman was created by the American psychologist William Moulton Marston, who used elements of ancient Greek culture to elaborate his stories. The heroine is an Amazon from Paradise Island who goes to the United States to bring peace to the world and to emancipate the women of the country. The analysis proposed to this article will consist of understanding the receptions of the classics in contemporary times, the language elements of comics and the participation of women in society, culture and mythology of Ancient Greece, making counterpoints between classical studies and the representation of comics by Marston in its context. For this, the authors Michel Foucault, Mary Beard, Lorna Hardwick, Donna Haraway, Alberto Mario Banti, Victoria Sebben Rodrigues and Cristina Maria de Oliveira will be used.

Keywords: Wonder Woman; reception studies; William Moulton Marston

Introdução

“O berço da civilização ocidental”. Essa é a visão que costuma ser apresentada quando se fala na Grécia Antiga, muitas vezes por ser considerada a propulsora da ideia de democracia tal como a conhecemos. Ao longo do tempo, no entanto, a cultura grega chegou

a ser apropriada por outros Estados que buscavam se demonstrar como um povo, estado ou nação superior. Foi o caso, por exemplo, do Império Romano, que se apropriou de títulos, instituições e até mesmo entidades religiosas para afirmar sua grandiosidade. Essas apropriações, que tomaram diferentes formas ao longo dos séculos, não ficaram restritas ao continente europeu: no século XX, os Estados Unidos, após se tornarem a nação mais rica do mundo no pós-Primeira Guerra Mundial, irradiavam aquilo que chamavam de American way of life, com um novo estilo de vida que deveria ser levado para o mundo todo.

Esse tema chegou a ser explorado pelo escritor e historiador Rick Riordan em sua série de livros de ficção Percy Jackson e Os Olimpianos. No trecho a seguir, o jovem Percy Jackson, que acabara de descobrir que era filho de Poseidon, deus dos mares, é levado para um acampamento de semideuses onde tem uma conversa com o centauro Quíron após conhecer o deus do vinho Dionísio:

- Você quer dizer que os deuses gregos estão aqui? Tipo... nos *Estados Unidos*?
- Bem, certamente. Os deuses mudam com o coração do Ocidente.
- O quê?
- Vamos, Percy. O que vocês chamam de “civilização ocidental”. Você acha que é apenas um conceito abstrato? (...)
- (...)
- (...) Os deuses simplesmente se mudaram, para a Alemanha, para a França, para a Espanha, por algum tempo. Aonde quer que a chama brilhasse mais, lá estavam os deuses. Eles passaram vários séculos na Inglaterra. Tudo o que você precisa olhar é para a arquitetura. As pessoas não esquecem os deuses. Em todos os lugares onde reinaram, você pode vê-los em pinturas, em estátuas, nos prédios mais importantes. E sim, Percy, é claro que agora eles estão nos Estados Unidos. Olhe para o símbolo do país, a águia de Zeus. Olhe para a estátua de Prometeu no Rockefeller Center, para as fachadas dos edifícios governamentais em Washington. Eu o desafio a encontrar qualquer cidade americana onde os olímpicos não estejam proeminentemente expostos em vários locais. Goste ou não (...), os Estados Unidos são agora o coração da chama. São a grande potência do Ocidente. E, portanto, o Olimpo é aqui. E nós estamos aqui (RIORDAN, 2009, p. 80-81).

Apesar de ser uma produção literária do século XXI, o livro de Riordan revela o uso do passado clássico para se demonstrar como outros povos buscaram na narrativa greco-romana uma afirmação de si como a maior nação de todas. No entanto, é preciso dizer que a série de livros de Percy Jackson não foi a primeira obra ficcional daquilo que é conhecido como “cultura pop” em que deuses da Antiguidade vão aos Estados Unidos ou trabalham para ele. Em 1941, o psicólogo William Moulton Marston criou a personagem Diana Prince, uma amazona que vai aos Estados Unidos para lutar pelos direitos das mulheres e acaba sendo conhecida como Mulher-Maravilha. Nessa narrativa, se encontram ambivalências: a mitologia greco-romana entra em cena para encontrar as reivindicações feministas e sufragistas dos Estados Unidos do começo do século XX.

É necessário fazer contrapontos nessa história: apesar de a Grécia Antiga ser muitas vezes reconhecida como exemplo de democracia, a ideia da democracia grega é

ultrapassada. Segundo o filósofo Michel Foucault, a sociedade grega, além de escravocrata, tinha caráter viril e sem consideração pelas mulheres. Estas, sem voz, atuação ou resistência, eram apenas objeto de prazer sexual de seus maridos (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 256; ALSTON, 2017, p. 21).

Apesar disso, segundo a historiadora britânica Mary Beard, no final do século XX muitos dramas gregos foram ressignificados e serviram de forma a apoiar causas que ganharam força no século passado como direitos das mulheres e dos homossexuais, conscientização sobre a AIDS, a Campanha de Desarmamento Nuclear e lutas contra apartheid, ditaduras, imperialismo, o governo de Margaret Thatcher e pela paz em países desde a Irlanda do Norte até a Palestina, que, por sua vez, passaram a inspirar novas performances (BEARD, 2013, p. 220-221). A cultura antiga foi bastante politizada ao longo do século XX e, como será demonstrado ao longo do trabalho, a mitologia e a poesia que envolviam personagens femininas serviam como exemplo para inspirar histórias de militâncias, em especial no feminismo, mesmo que atravessadas por intensas contradições.

O que há nestes casos é uma “recepção dos clássicos”. Segundo Lorna Hardwick (2003), os estudos de recepção estão interessados na relação entre a leitura sobre a sociedade antiga e a contemporaneidade que a interpreta. Assim, os fatores explorados por essas pesquisas são: o processo intelectual ou artístico envolvido na seleção, imitação e adaptação de trabalhos pertencentes ao período clássico; a relação do processo com a cultura contemporânea; e o propósito dessa releitura, seja ele político, artístico, social, cultural ou educacional.

Como será demonstrado ao longo deste artigo, Marston, com um ponto de vista claramente feminista, se apropria do mito das amazonas para elaborar uma narrativa de um mundo dominado pelas mulheres, além de a própria deusa Afrodite apontar para os Estados Unidos como aqueles que poderiam livrar o mundo dos horrores causados pela Segunda Grande Guerra. Passemos agora para uma análise sobre a participação das mulheres na mitologia e na cultura grega.

As mulheres na mitologia e na cultura grega

Beard aponta que na Antiguidade greco-romana a participação no discurso público era algo que definia a masculinidade em si. Essa declaração pode parecer contraditória quando se pensa na participação de mulheres em algumas narrativas e mitologias da Grécia Antiga. É preciso, no entanto, apontar a representação dessas mulheres nessas histórias. Medeia, Clitemnestra e Antígona eram apresentadas como mulheres agressoras, que tomavam o poder ilegitimamente e, fazendo isso, traziam caos ao Estado. A deusa Atena era representada com ideais masculinos, como suas vestes de guerreira (considerando que somente homens iam à guerra), era virgem (em um contexto em que o papel da mulher era a procriação) e não nasceu de uma mulher, mas da cabeça de Zeus. A própria decapitação de Medusa foi um gesto usado por muito tempo como uma forma de oposição ao poder feminino.²

A poetisa Safo de Lesbos também assume importância na medida em que era uma mulher na Grécia Antiga cuja figura foi por muito tempo alvo de intensas discussões sobre

² Sobre o uso político da Medusa contra mulheres como Theresa May, Hillary Clinton e Dilma Rousseff, ver: BEARD, 2018, p. 80–86.

sua identidade: para uns, ela era uma professora que instruía suas alunas na poesia, na música e nas técnicas de sensualidade; para outros, era líder de uma seita adoradora de Afrodite; também havia quem a considerasse apenas uma mulher que escrevia sobre a relação amorosa entre outras mulheres. Para compreender as discussões sobre Safo e a voz das mulheres é importante levar em conta que “a ideologia dominante da maior parte do mundo antigo não oferecia às mulheres espaço no debate público”³ (BEARD, 2013, p. 27). O fato é que a forma como muitas mulheres conseguiram desafiar o silenciamento feminino foi por meio da escrita e dos ritos religiosos.

Outras figuras importantes, que merecem atenção especial nessa análise são as amazonas, criaturas descendentes do deus Ares com a ninfa Harmonia. Bravas guerreiras que viviam em territórios não habitados por homens, as amazonas governavam-se a si próprias e somente aceitavam a participação de homens na sociedade para trabalhos servis e se relacionavam com estrangeiros apenas para fins de procriação, conservando apenas as filhas do sexo feminino (GRIMAL, 2005, p. 23). A mensagem que a lenda trazia era de que seria “dever dos homens salvar a civilização do mando das mulheres” (GRIMAL, 2005, p. 69). A bióloga e filósofa Donna Haraway, em seu “Manifesto Ciborgue”, declara que no imaginário ocidental os monstros são comumente descritos como os limites de uma comunidade. Na Grécia Antiga, esses monstros eram os centauros e as amazonas. Estes “estabeleceram os limites da pólis centrada no humano masculino grego ao vislumbrarem a possibilidade do casamento e as confusões de fronteira entre, de um lado, o guerreiro e, de outro, a animalidade e a mulher” (HARAWAY, 2009, p. 96).

³ Tradução livre. No original: “The dominant ideology of most of the ancient world offered women no place in public discourse”.

Em 1941, no entanto, um psicólogo chamado William Moulton Marston repensou a narrativa das amazonas com uma nova proposta, apresentada a partir de uma forma de publicação que estava em crescimento: eram as histórias em quadrinhos.

As revistas em quadrinhos começaram a ser publicadas nos Estados Unidos em 1922, concomitantemente ao fenômeno das pulp magazines, consumidas por um público das classes média e baixa e que permitiram estabelecer alguns gêneros de ficção popular no país. Foram as pulp magazines que introduziram personagens como Tarzan e Zorro, mas essa forma de narrativa perdeu espaço para as revistas em quadrinhos, especialmente com a chegada dos quadrinhos de super-heróis, a partir do lançamento do Superman, criado por Joe Shuster e Jerry Siegel em 1938. Diferentemente das narrativas nacionalistas europeias dos séculos XVIII e XIX, os heróis não mais se sacrificavam pelo bem comum, mas eram imortais, e dotados de boa virtude (CERENCIO, 2011, p. 50-51; BANTI, 2019, p. 35-37).

Segundo Victoria Sebben Rodrigues e Cristina Maria de Oliveira (2018, p. 69),

(...) a leitura do gênero histórias em quadrinhos pode ser considerada uma atividade social, um processo de compreensão ativa, no qual os sentidos são construídos a partir da relação dialógica estabelecida entre autor-texto interlocutor. O leitor, sujeito do discurso, dialoga com o texto, nele se constrói e é construído.

Assim, é possível afirmar que havia um fator de identificação entre o leitor e o personagem: “Superman, na verdade, se esconde sob a identidade de Clark Kent, um jornalista desajeitado, sem fascínio viril e inutilmente apaixonado pela colega Lois Lane, a

qual, por sua vez, é infelizmente apaixonada por Superman”⁴ (BANTI, 2019, p. 37). A fórmula se repetia nas histórias da Mulher-Maravilha, encoberta pela identidade de Diana Prince, apaixonada por Steve Trevor, que tinha afeição pela heroína sem saber sua verdadeira identidade, tal como ocorreu entre Clark Kent e Lois Lane.

As características da heroína fictícia de Marston foram inspiradas em mulheres da vida real. Marston tinha profunda admiração pelas sufragistas, e, já na vida adulta, vivia um poliamor com Sadie Elizabeth Holloway e Olive Byrne. A última era sobrinha de Margaret Sanger, conhecida por seu ativismo pelos direitos de controle de natalidade. A partir dessas e outras mulheres influentes no movimento sufragista se escrevem os atributos da Mulher-Maravilha.

Com o pseudônimo de Charles Moulton, o psicólogo se inspirou em outros super-heróis – como o Superman e o Capitão América – e em mulheres que admirava e criou uma nova personagem: a Mulher-Maravilha. Sua identidade secreta é Diana Prince (em referência à deusa romana da caça Diana, ou Ártemis, em sua versão grega), uma amazona “Bela como Afrodite; sagaz como Atena; dotada da velocidade de Mercúrio e da força de Hércules” (LEPORE, 2017, p. 245). Diana vivia com seu povo em uma ilha no Oceano Pacífico, a Ilha Paraíso, até o momento em que o avião Steve Trevor aterrissou no território. Diana se apaixona por Trevor e muda para os Estados Unidos, onde começa sua carreira de heroína e empreende a defesa da democracia e dos direitos das mulheres. Em um contexto em que heroísmo era uma característica atribuída somente ao sexo masculino, a criação da

⁴ Tradução livre. No original: “Superman, infatti, si cella sotto l’identità di Clark Kent, un giornalista imbranato, privo di fascino virile e inutilmente innamorato della collega Lois Lane, la quale, a sua volta, è infelicemente innamorata di Superman”.

personagem foi um acontecimento simbólico na cultura pop. Sua única fraqueza é esta: quando homens maus a acorrentam⁵. Nesse momento, somente o socorro de um bom homem pode libertá-la (BANTI, 2019, p. 37-38). Algo também simbólico na criação da personagem baseada no mito das amazonas são seus trajes de heroína, que, inspirados nos trajes do Capitão América e desenhados pelo ilustrador Harry G. Peters, estampam as cores e símbolos que representam os Estados Unidos, entre elas a águia de Zeus.

O historiador Sávio Queiroz Lima (2014) descreve que Marston se utilizou de elementos do imaginário mitológico do passado antigo pelo mundo acadêmico, selecionando os aspectos que convêm a suas narrativas, isto é, foi utilizada uma mitologia idealizada, em que discursos seguros são mantidos, enquanto outros são alterados, de forma a não entrar em conflito com os dilemas da contemporaneidade. Assim, uma observação necessária a ser feita é de que Marston possivelmente estava ciente do silenciamento das mulheres na sociedade grega, ao mesmo tempo que reconhecia a busca por emancipação nos escritos de Safo e reivindicava, portanto, um lugar que concedesse essa libertação e a expandisse para outros lugares, como os Estados Unidos.

A Mulher-Maravilha estreou em uma edição da revista de quadrinhos All-Star Comics em 8 de dezembro de 1941, um dia depois do anúncio da entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial. Em 1942, a heroína ganhou capa na revista Sensation Comics e no verão do mesmo ano passa a estrelar uma revista própria, a Wonder Woman. Enquanto a Guerra representou um momento em que mulheres avançaram em suas lutas por igualdade e cidadania, incluindo participação no mundo trabalho (PURDY, 2007, p.

⁵ A recorrência ao uso de mulheres acorrentadas nos quadrinhos de Marston está associada ao seu fetiche com sadomasoquismo (LEPORE, 2017). Esse aspecto, porém, será deixado de lado neste artigo.

217-224), uma personagem aparecia como símbolo de suas lutas. A seguir, será feita uma análise sobre a primeira história contida na primeira edição da revista Wonder Woman, que conta a história de origem da heroína.

A origem da Mulher-Maravilha

A história começa com Diana levando Steve Trevor ao hospital após a queda de seu avião. Ela não se identifica aos doutores, mas deixa um pergaminho com escrita grega antiga, que é levado a um pesquisador do Instituto Smithsonian (figura 1). O pergaminho conta a história da disputa entre Ares, deus da guerra, e Afrodite, deusa do amor. Ele queria que o mundo fosse dominado por seus homens pela espada, e ela que suas mulheres dominassem o mundo com o amor. Os homens de Ares haviam matado seus irmãos mais fracos e escravizado as mulheres. Afrodite, então, constrói com suas próprias mãos uma raça de mulheres mais fortes que os homens, que eram chamadas de amazonas, e que tinham a seu favor o poder do amor e o cinto mágico de Afrodite. Vivendo na cidade de Amazonia, as guerreiras venciam qualquer exército que as ameaçasse. Ares, que depois passa a ser chamado de Marte, sua versão romana, inspira Hércules,⁶ mencionado na história como o homem mais forte do mundo, a começar uma guerra contra as guerreiras de Afrodite. Em uma batalha contra Hipólita, rainha das amazonas, Hércules sai derrotado. Como vingança, Hércules convida as amazonas para um banquete, alegando fazê-lo para selar um pacto de amizade eterna, quando, na verdade, o plano era de “fazer amor” com Hipólita e assim roubar seu poder. Desta forma, a principal atribuição das amazonas – o amor – foi usado

⁶ É importante mencionar que Hércules é a forma latinizada de se referir ao herói grego Héacles. Sobre isso, ver: GRIMAL, 2005, p. 205–223.

contra elas mesmas. É nesse momento em que Hipólita entrega a Hércules o cinto mágico, e as amazonas são acorrentadas e feitas escravas.

FIGURA 1



Wonder Woman n. 1. DC, 1941, p. 2A.

Estando as amazonas acorrentadas, Hipólita roga a Afrodite por socorro, e a deusa acode a rainha das amazonas, com uma condição: “Você pode quebrar suas correntes, mas deve sempre usar essas pulseiras, para lhe ensinar a tolice de se submeter à dominação dos homens”.⁷ Ao quebrar as correntes, as amazonas foram libertas e conseguiram vencer os gregos, tomando seus barcos e indo a uma ilha onde foi construído um paraíso somente para mulheres. Nos quadrinhos que retratam a briga entre as amazonas e Hércules e seus companheiros são utilizadas onomatopeias, recursos fonêmicos ou melódicos representados como figuras que imitam ou representam sons, despertando a memória e imaginação do leitor (RODRIGUES; OLIVEIRA, 2018, p. 83-84) (figura 2). As cenas de brigas frequentemente são acompanhadas de interjeições, expressões que transmitem, nas histórias analisadas, sentimentos como surpresa e dor (RODRIGUES; OLIVEIRA, 2018, p. 87-88). Aqui acaba a história contada no pergaminho.

⁷ Tradução livre. No original: “You may break your chains. But you must wear these wrist bands always to teach you the folly of submitting to men's domination”. **Wonder Woman**, n. 1, 1942, p. 5A.

FIGURA 2



Wonder Woman n. 1. DC, 1941, p. 5A.

O que não está no pergaminho é a criação da personagem Diana, que viria a ser chamada de Mulher-Maravilha. Na mitologia romana, Diana é a equivalente à deusa grega Ártemis, da caça. Diferentemente do longa-metragem de 2017 dirigido por Patty Jenkins e estrelado por Gal Gadot, a amazona Diana é nomeada com inspiração na deusa da caça, em vez de, como contado no filme, ser, de fato, a própria divindade. Diana, moldada pelas mãos de Afrodite, ao chegar na idade adulta recebe da deusa um bracelete que sela sua submissão à deusa do amor – assim como Hipólita havia recebido pulseiras – e em seguida bebe da fonte da eterna juventude, um direito de sua nascença que permaneceria com a amazona enquanto estivesse na Ilha Paraíso.

A história muda para o momento em que o avião do piloto Steve Trevor cai na ilha, e é resgatado por Diana e sua amiga Mala, que logo descobrem que ele é do Serviço de Inteligência Americano, ao encontrar um documento perdido. Diana leva Steve ao seu laboratório fora da cidade, já que dentro dela era proibida a entrada de um homem. Diana trabalhou incansavelmente para salvar o piloto, e Hipólita logo percebe que a guerreira havia se apaixonado (figura 3).

FIGURA 3

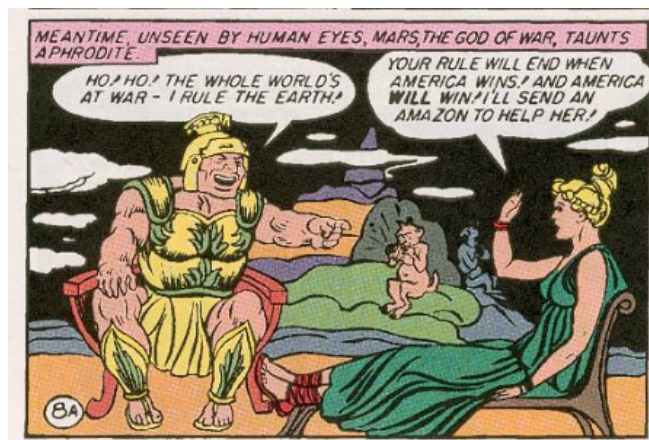


Wonder Woman n. 1. DC, 1941, p. 8A.

Nesse meio tempo, Ares se orgulhava de ter conseguido dominar o mundo, já que o planeta estava em guerra. Afrodite responde que o domínio de Ares terminaria quando os Estados Unidos vencessem a guerra, e que ela mesma enviaria uma amazona para ajudar a “América” (figura 4). As amazonas, no entanto, deveriam lutar em um torneio para que uma delas fosse escolhida para levar o capitão de volta a seu país. Diana, proibida por sua mãe de

lutar (visto que se saísse da Ilha perderia seus direitos de nascença), veste uma máscara para não ser reconhecida. Nesse ponto há uma clara exposição do desejo de independência da mulher. Diana vence o torneio e Hipólita, surpresa, afirma que queria que ela não tivesse vencido, mas que estava orgulhosa dela, e lhe entrega um uniforme para vestir na América e um laço mágico, que obriga a pessoa amarrada a cumprir a sua vontade. Um dos usos comuns do laço era obrigar a vítima a contar a verdade e, para isso, vale lembrar que William Marston foi o inventor do polígrafo, conhecido como a máquina de detectar mentiras, inspiração do psicólogo para o arsenal da heroína.

FIGURA 4



Wonder Woman n. 1. DC, 1941, p. 8A.

Steve, agora consciente, conta a Diana seu plano de capturar inimigos da América, que acabam sendo encontrados pelos dois. Os inimigos, no caso, eram os japoneses, aliados ao nazifascismo no bloco conhecido como Eixo durante a Segunda Guerra Mundial. Ao

chegar nos Estados Unidos, Steve é promovido a major e passa a ser cuidado por uma enfermeira, chamada de Diana Prince, sem saber que é essa era a pessoa a quem chamava de Mulher-Maravilha. Steve acaba, portanto, recebendo créditos pelo trabalho que havia sido feito por uma mulher que foi capaz de lutar por ele enquanto estava lesionado e que, para fazer isso, abriu mão de seu direito à imortalidade para estar com o homem por quem se apaixonou.

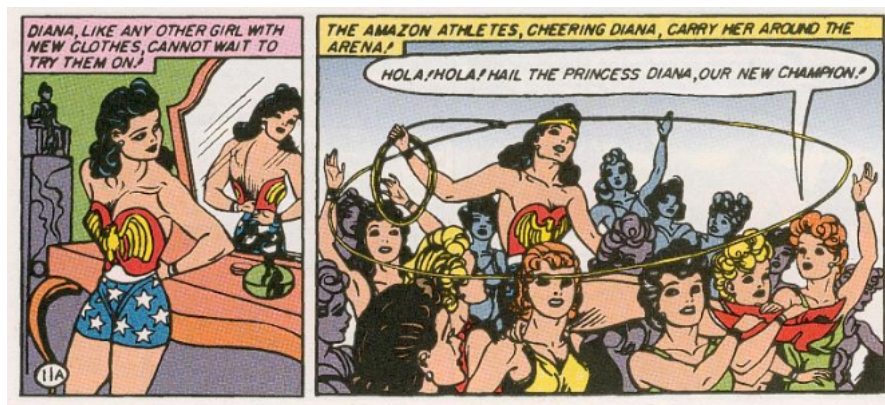
Considerações finais

As causas representadas pela Mulher-Maravilha encontram algumas ambivalências. A personagem cumpriu seu papel em aparecer como uma personagem dotada de características antes possuídas apenas pelos homens, sendo um grande sucesso já na época de sua publicação. Essa aparição de Diana aconteceu em meio ao contexto da Segunda Guerra Mundial, momento em que muitas mulheres estavam conquistando espaço no mercado de trabalho. Ainda assim, a personagem não representava as mulheres comuns, já que possuía superpoderes, tendo sido criada pelas mãos de uma deusa. Donna Haraway faz uma crítica ao feminismo que tem como intenção o retorno a uma suposta natureza do feminino. Em sentido figurado, a autora afirma que a “deusa” está morta. Em sua visão, “não podemos voltar ao passado – ideológica ou materialmente” (HARAWAY, 2009, p. 60).

Marston trilhou um caminho contrário ao que Haraway defenderia mais de 40 anos depois: elaborou uma narrativa do passado com mulheres capazes de derrotar os homens e que viviam em um local de paz. Apesar de localizar a narrativa no passado, as amazonas invadiram o presente para mudar os rumos dos Estados Unidos. Aqui, Marston idealiza a democracia grega, que serviria de modelo para a estadunidense, por ser um país que

estabeleceria a paz caso vencesse a Guerra (conforme exposto no diálogo entre Afrodite e Ares) e que permitiria a abertura de um espaço público para as mulheres. Após vestir o uniforme que estampa a águia de Zeus e as cores dos Estados Unidos, Diana é levantada pelas outras amazonas, em um gesto simbólico de apoio das guerreiras ao país que simbolizaria essa liberdade e essa emancipação feminina.

FIGURA 5



Wonder Woman n. 1. DC, 1941, p. 11A.

A Mulher-Maravilha não morreu com Marston, mas teve sua continuidade até os dias de hoje. Tal como a cultura grega inspirou as histórias dos quadrinhos, a heroína seguiu como um símbolo do movimento feminista, apesar das controvérsias – considerando também as polêmicas que rondam a figura de Margaret Sanger como eugenista (BBC, 2023). Mulher-Maravilha chegou a entrar nas histórias da Sociedade da Justiça da América, em que lutava junto a outros heróis, como o Lanterna Verde, o Falcão da Noite e o Gavião Negro.

Apesar de se destacar como a única heroína em meio a vários homens, Diana foi nomeada para ser a secretária do grupo, e ficou relegada para segundo plano. A busca por empoderamento feminino na personagem é desconsiderado nesse momento.

Com a inclusão da heroína nos programas de televisão, muitas feministas veriam seus ideais traídos. Em 1968, muitas protestavam contra o concurso Miss America em Atlantic City, sem imaginar que a vencedora do concurso Miss Mundo de 1972, Lynda Carter, seria escolhida para atuar no papel de Mulher-Maravilha na série de televisão *The New, Original Wonder Woman*, de 1975 (LEPORE, 2017, p. 355).

Vale lembrar que nas histórias de Marston a primeira vez em que uma mulher seria eleita presidente dos Estados Unidos seria no ano de 3000, e seria a própria Mulher-Maravilha. Ora, em 2016 Carter atuou como a presidente dos Estados Unidos na série de televisão *Supergirl*, cuja heroína protagonista é Kara Zor-El, a prima de Superman. A participação da modelo na série aconteceu no ano em que uma ex-primeira dama, a democrata Hillary Clinton, concorreria à presidência contra o republicano Donald Trump. Clinton venceu as eleições no voto popular, mas foi derrotada no colegiado. O país ainda não foi governado por uma mulher, mas, no início de 2021, quando este texto começou a ser escrito, os Estados Unidos possuíam como presidente da Câmara uma mulher branca, Nancy Pelosi (que deixou o cargo no início de 2023), e como vice-presidente da república uma mulher negra de descendência asiática, Kamala Harris (IACOMINI; PEZZI, 2020, p. 78-79). Um mundo em que mulheres alcançam tais posições de poder, ainda que enfrentando muitos obstáculos, é um valor que não estava presente na democracia ateniense, tão associada no senso comum a um ideal de participação popular.

REFERÊNCIAS

ALSTON, Richard. Foucault and Roman Antiquity: Foucault's Rome Introduction. **Foucault Studies**, n. 22, p. 7-30, 2017.

BANTI, Alberto Mario. **Wonderland**. La cultura di massa da Walt Disney ai Pink Floyd. Roma-Bari: Laterza, 2019.

BBC. Margaret Sanger: o controverso legado da 'mãe' do controle de natalidade. **BBC News Brasil**. 4 fev. 2023. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-64235036>> Acesso em 11 fev. 2023.

BEARD, Mary. **Confronting the Classics**: Traditions, Adventures and Innovations. London: Profile Books, 2013.

BEARD, Mary. **Mulheres e poder**: um manifesto. Trad. Celina Portocarrero. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

CERENCIO, Priscilla Ferreira. **O escudo da América**: O discurso patriótico na revista Captain America Comics (1941-1954). Dissertação de Mestrado em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. Michel Foucault Entrevistado por Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow. In: **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 253-278.

FOUCAULT, Michel. Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade. **verve. revista semestral autogestionária do Nu-Sol**, Trad. Wanderson Flor do Nascimento. v. 5, p. 260-277, 2004.

GRIMAL, Pierre. **Dicionário da Mitologia Grega e Romana**. Trad. Victor Jabouille. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

HARAWAY, Donna J. Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, Tomaz (Org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Trad. Tomaz Tadeu. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 33-118.

HARDWICK, Lorna. **Reception Studies**. New York: Cambridge University Press, 2003. (Greece & Rome - New Surveys in the Classics, 33).

IACOMINI, Luca Lima; PEZZI, Nathália Santos. Experiências sobre uso da cultura pop para ensinar Segunda Guerra Mundial a alunos de Ensino Médio durante a pandemia. **Revista de Educação Histórica**, vol. 21, jul-dez 2020, p. 68-83.

LEPORE, Jill. **A história secreta da Mulher-Maravilha**. Trad. Érico Assis. 1. ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2017.

LIMA, Sávio Queiroz. Elmo, escudo e bota: três mundos gregos para a Mulher-Maravilha (Grécia Antiga, década de 40 e década de 80). **NEARCO: Revista Eletrônica de Antiguidade**, v. 7, n. 2, p. 100-113, 2014.

PURDY, Sean. O Século Americano. In: KARNAL, Leandro; MORAIS, Marcus Vinicius de; FERNANDES, Luiz Estevam; et al (Eds.). **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo: Contexto, 2007, p. 173-275.

RIORDAN, Rick. **O ladrão de raios**. Trad. Ricardo Gouveia. 2. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009. (Percy Jackson e Os Olimpianos, I).

RODRIGUES, Victória Sebben; OLIVEIRA, Cristina Maria de. Linguagens e enunciações das Histórias em Quadrinhos: uma análise do discurso quadrinhista. **EnsiQlopédia**, v. 14, n. 1, 2018, p. 66-93.

Wonder Woman n. 1. DC, 1941.